

Pequenos incêndios por toda parte: sobre mulheres, a maternidade e suas histórias¹Bruna Carolina GUZZO²Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava, PR

RESUMO

A minissérie *Pequenos incêndios por toda a parte* (2020) discorre sobre temáticas relacionadas a racismo, classe social, privilégios, carreira profissional, machismo e maternidade. Ambientada no final dos anos 1990, às duas personagens centrais são Elena Richardson e Mia Warren, em situações de vida opostas, que sugerem representações acerca de dualismos diferenciais, tais como ser branca/negra, mãe solteira/mulher casada, pobre/rica, bem-sucedida ou não. Esta pesquisa centra-se em responder como a narrativa representa os posicionamentos identitários e os lugares sociais delegados às mulheres, por meio da metodologia de análise narrativa seriada proposta por Azubel (2018). Trata-se de uma pesquisa em andamento e, neste texto, são apresentados os resultados parciais, a partir da análise de uma sequência de cenas que tematizam a autoconcepção da identidade feminina construída a partir de modelos tradicionais do ser mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura de séries; Identidade; Representação; Feminino.

INTRODUÇÃO

As imagens, os sons e os espetáculos propagados pela mídia ajudam a elaborar o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade (Kellner, 2001). Sendo assim, a cultura da mídia se insere como produtora e refletora de representações. Conforme Silverstone (2002), passamos a depender da mídia, para dar sentido às continuidades da experiência.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais, do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica Voluntária 2022-2023 da UNICENTRO, email: bruna-guzzo@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo de UNICENTRO, email: everlypegoraro@unicentro.br

Objeto desta pesquisa, a minissérie *Pequenos incêndios por toda a parte* (2020), adaptação do livro de mesmo nome da escritora Celeste Ng, problematiza as representações do cotidiano feminino, com temáticas relacionadas a racismo, classe social, privilégios, carreira profissional, machismo e, principalmente, a maternidade. As duas personagens principais são Elena Richardson (Reese Witherspoon) e Mia Warren (Keery Washington). A primeira é formada em Jornalismo, rica e branca, tem quatro filhos, é casada e aparentemente com uma família tradicional e estruturada. Já Mia é artista, pobre e negra, mora com a filha no carro, com quem viaja pelo país em função de sua arte. Ambientada no final dos anos 1990, a história tem a maternidade como ponto alto, tratada por várias personagens além das principais.

Esta pesquisa analisa como a minissérie representa a identidade e os lugares sociais delegados às mulheres, em relação à vida profissional e à maternidade, a partir das vivências das duas personagens acima mencionadas. A partir da narrativa, é possível refletir sobre os estereótipos relativos às mulheres, bem como sobre a autoconcepção da identidade feminina que se deu por conta de modelos tradicionais, os quais hoje são postos em discussão. Neste texto, apresentam-se os resultados parciais do estudo, com a análise de uma sequência de cenas que exemplificam justamente este assunto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Silverstone (2002), os conteúdos midiáticos operam no nível cotidiano, através de suas representações singulares e múltiplas, assim fornecendo referências para a condução da vida diária. Nesse mesmo sentido, Kellner (2001) cita que a cultura de mídia e a do consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes.

A partir da problematização de Kellner (2001) e Silverstone (2002), portanto, compreende-se que a mídia é entretenimento e informação, com narrativas que produzem significados, tentando buscar a atenção do receptor, descobrir quais desejos e prazeres este possui. Assim, ao compreender como se constroem as representações midiáticas, podemos refletir sobre como e, porque as mulheres necessitam de mais voz e mais reconhecimento, e quais lugares sociais são delegados a elas.

Segundo Hall (2016), uma das práticas centrais que produz a cultura é a da representação, em sua conexão com a cultura. Para este autor, a cultura diz respeito a

“significados compartilhados”, pelo acesso comum à linguagem, pois, é capaz de operar como um sistema representacional, mediante signos e símbolos. Sendo assim, é por meio da linguagem que pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. O estudo da cultura, conforme Hall (2016), ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade. O sentido é produzido em diferentes áreas e perpassado por vários processos ou práticas. Os significados culturais organizam e regulam práticas sociais, influenciam condutas e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos (Hall, 2016). Para o autor, o sentido é o que permite cultivar a noção de própria identidade, de quem somos e a quem pertencemos.

As representações midiáticas, segundo Ribeiro (2005), podem ser dadas através da visualidade e ajudam a moldar ideais de feminilidade. Por meio das diversas mídias visuais, são apresentados papéis e relações desejáveis para as mulheres na sociedade contemporânea. Na minissérie em análise, a representação através de raça, sexualidade, gênero e classe fica evidente. Os obstáculos que as personagens Elena e Mia precisam enfrentar por serem mulheres são evidenciados em representações sobre identidades e diferenças, tais como ser branca/negra, mãe solteira/mulher casada, pobre/rica, bem-sucedida ou não. Tais dualismos, muitas vezes, refletem estereótipos, engessamentos representacionais acerca do feminino. Hall (2016) argumenta que a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder, sendo dirigido contra um grupo subordinado ou excluído. Essa questão é percebida, por exemplo, quando Mia e sua filha chegam à cidade de Shaker Heights, duas mulheres negras e pobres em um espaço quase que exclusivamente rico e branco. A representação do estereótipo da mulher negra como pobre é problematizada na narrativa. Como Ribeiro (2005) argumenta, estereótipos são generalizações acerca de grupos sociais, com características que são atribuídas a todos os membros de um determinado grupo, sem levar em atenção as variações que existem entre os seus membros.

RESULTADOS PARCIAIS

Para o desenvolvimento do estudo, foi utilizada a proposta de Azubel (2018), em sua metodologia de análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada (AFCNS). Como a autora explica, para estabelecermos os procedimentos metodológicos, partimos da

práxis proposta por Francesco Casetti e Federico Di Chio (2013). Os autores sugerem dois processos: a decomposição, que descreve, seguida da recomposição, que interpreta.

O recorte escolhido foi de uma cena do episódio 2 (32'22" a 36'05"), a seguir descrita, conforme a primeira etapa metodológica, de decomposição. Uma das personagens principais, Elena Richardson, está realizando um clube do livro na sua casa. A oradora, Liz (Jaime Ray Newman), começa uma provocação: “esse livro nos desafia a olhar nossa feminilidade, a analisar a experiência feminina, seja a imagem corporal ou o sexo”. Assim, a conversa continua e Elena comenta que quase não se aborda a maternidade na peça. Liz argumenta que “nem todo mundo com vagina quer ser mãe”. As presentes discutem sobre a maternidade como opção, e não como uma obrigatoriedade para se realizar como mulher, e sobre o pouco conhecimento que a própria mulher tem sobre sua própria sexualidade, muitas vezes por vergonha ou inibições provindas da educação recebida. Mia Warren comenta que “a sociedade se incomoda muito em chamá-la pelo nome”. As mulheres presentes ficam chocadas, pensando nesses dois assuntos, confusas. “Como podemos nos enxergar, quando temos medo de ver quem realmente somos?”, questiona Mia. Em um segundo momento, a discussão do clube do livro adentra a ideia de um modelo ideal do feminino, de ser mulher.

Esse “modelo” de mulher a ser seguido contribui para a autoconcepção da identidade feminina, apesar das muitas mudanças que a condição feminina tem vivenciado (Ribeiro, 2005). Na segunda etapa metodológica, que é a recomposição, interpretamos as representações da cena das mulheres da roda de conversa no clube do livro, conforme segue. Na casa da protagonista Elena, há móveis e pratarias que indicam uma condição de classe rica e superior. Todas estão vestidas de maneira deslumbrante, apreciando vinhos e comendo frios, de maneira a mostrar a vida das famílias de Shaker Heights como glamourizada, representando a mulher e mãe branca, rica, com estabilidade e riqueza. Quem está na contramão desse modelo, além de Liz (oradora do clube), é Mia, que protagoniza a narrativa com Elena. Ela é negra, está vestida de forma despojada e não segue o estereótipo da mulher que as presentes na sala seguem. Estas são casadas, tem funcionárias para cuidar da casa, trabalham fora e têm filhos, são esposas e mães que seguem o padrão.

Mia apresenta-se como diferente quando fala na reunião, todos os olhares se voltam para ela de maneira desconfiada. Esta protagonista foge ao padrão que as demais

estão familiarizadas, ao viverem um modelo feminino que Mia não segue. Esta representa uma mulher batalhadora, que encara a maternidade solo e os problemas de frente, sem ter apoio algum. Mesmo assim, a narrativa deixa claro que ela é uma mulher imperfeita, com contradições e fragilidades como as demais, principalmente na criação da filha, que se vê seduzida pelo estilo de vida das adolescentes de Shaker Heights.

Os dois temas levantados pelas mulheres do clube do livro demonstram que maternidade e sexualidade fazem parte do delineamento identitário delas, embora nem sempre elas dedicassem tempo para refletir sobre as imposições da sociedade, da família e até delas mesmas sobre o ideal de ser mulher e mãe. Justamente por isso, as moradoras da comunidade sobretudo branca e rica não percebiam como a naturalização da condição feminina poderia abafar e/ou eliminar sua própria individualidade, seus anseios e angústias. Por outro lado, quando Mia confessa que, muitas vezes, a sociedade não se incomoda em chamá-la pelo nome, ela quer dizer sua individualidade passa despercebida ou é abafada, em meio aos estereótipos e julgamentos acerca do ser mulher, negra e mãe solteira. Por isso, a provocação dela às demais, sobre o medo de se enxergar verdadeiramente para se descobrir quem realmente é.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ribeiro (2005) argumenta que os modelos de mulheres transmitidos nos mais variados tipos de mídia contribuem para a criação de um imaginário social relativo ao feminino. Entretanto, estes modelos acabam se submetendo a críticas e a produção de representações que buscam modificar o estabelecido e o engessado (Ribeiro, 2005, p.50). Ao examinar a cena da minissérie, compreende-se que Elena é uma mulher que foi criada nos moldes referenciais de como ser mulher e mãe, casada há anos com o namorado do colegial, com três filhos, um emprego supostamente estável. Já Mia caracteriza-se pelo estigma de mulher pobre, de mãe solteira, sem um emprego fixo, sem um marido, sem um suporte. Ela chega à comunidade e, com seu jeito despojado e fora dos padrões, acaba por abalar os padrões vigentes, lançando alguns questionamentos que até então não haviam sido feitos pelas mulheres da história. Mia provoca-as a se enxergarem sem filtros. Essa é a proposta da cena do clube do livro. Assim, é possível delinear a personalidade das duas protagonistas, com diferentes perspectivas pessoais e sociais, elas enfrentam problemas e o crescimento pessoal e profissional no decorrer da

narrativa. Como afirma Ribeiro (2005), é a partir da representação das mulheres sob um leque variado de papéis e experiências que se problematiza os lugares delegados ao feminino. *Pequenos incêndios por toda a parte* é uma minissérie que aborda a temática, mostrando diversos tipos de mulheres e “modelos”, provocando esse olhar sem medo e filtros que Mia instiga na cena em análise.

REFERÊNCIAS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. **Revista GEMINIS**, São Carlos, UFSCar, v. 9, n.2, pp.29-45, ago. 2018.

AZUBEL, Larissa. **Uma série de contos e os contos em série**: o imaginário pós-moderno em Once Upon a Time. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Federico. **Cómo analizar un film**. Barcelona: Paidós, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

PEQUENOS INCÊNDIOS POR TODA A PARTE (minissérie). Direção: Lynn Shelton, Michael Weaver e Nzingha Stewart. Produção: Celeste Ng, Lauren Levy Neustadter, Pilar Savone, Kerry Washington, Liz Tigelaar e Resse Witherspoon. Estados Unidos: Hello Sunshine, 2020.

RIBEIRO, Silvana. **Retratos de Mulher**. Construções sociais e representações visuais do feminino. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, 2005.

SABBAGA, Julia. Little Fires Everywhere faz o espectador confrontar a questão racial, diz autora. **OMELETE**, 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/little-fires-everywhere-mudancas-entrevista-celeste-ng>. Acesso em: 29/11/2022.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.